

**Para quem frequenta o nosso periódico [sem período certo] na internet, pode conferir um texto sobre o estatuto do desarmamento escrito pelo engenheiro civil e aluno de Direito da UFPI, Raphael Barbosa, além de um alerta sobre as leituras que você anda fazendo, pelo Prof. Rubem Alves.**

## O PODER NÃO GOSTA DE SER FISCALIZADO

Presidentes americanos com modos rudes de cowboy texano nem sempre significam absoluta ausência de senso de humor para não dizer de outras coisas, como ocorre com George W. Bush. O falecido presidente democrata Lyndon Johnson (1963-1969), velho político matreiro a respeito do qual cada vez mais se surpreendem os historiadores, sabia destilar fina ironia. Certa vez, ao queixar-se da imprensa, sapecou: "No dia em que eu andar sobre as águas, não tenham dúvidas. Vai sair uma reportagem com o título: 'Lyndon Johnson não sabe nadar'".

Lá, como em toda parte, são ancestrais as queixas dos políticos contra a mídia o poder não gosta de ser fiscalizado. Os políticos no Brasil, claro, não fogem à regra, a começar pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mesmo tendo profissionais de imprensa talentosos, experientes e bem-intencionados a assessorá-lo, o velho Lula bonachão e de trânsito fácil com jornalistas parece ter desaparecido por completo na versão de terno, gravata e Omega australiano instalada no Palácio do Planalto.

Não apenas o presidente descarta de seu dever de prestar contas à nação falando pouco, pouquíssimo, com a imprensa de maneira organizada ou mesmo em conversas informais com repórteres, editores ou colunistas, como tem freqüentes e crescentes queixas ao que qualifica de "má vontade" da mídia contra seu governo, seus ministros e, às vezes, ele próprio.

### Bicho incômodo

Mas uma das características nobres da mídia, que nem sequer Lula ou seus companheiros de governo e de PT negariam, é o hábito necessário e salutar, mas raro em qualquer corporação, de discutir seus próprios erros. Para constatar bastaria, aliás, clicar o endereço deste Observatório desde sua primeira edição. Como também dar uma olhada em livros que não param de sair, aqui e no exterior. Num lugar nobre em meio à imensidão de publicações que escrutinam nosso trabalho de jornalistas, mexendo necessariamente num vespeiro de erros cometidos desde os primórdios da imprensa, sempre estará o estupendo A Primeira Vítima (mesmo título em inglês), do australiano radicado na Inglaterra Phillip Knightley, de subtítulo plenamente esclarecedor quanto a seu conteúdo: "O correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã". (Lançado em 1975 no Reino Unido e em 1978 no Brasil, pela Nova Fronteira, é um absurdo este clássico não ter sido reeditado).

O título foi tirado da epígrafe, uma frase histórica que hoje em dia todo mundo repete, quase invariavelmente sem saber de onde veio: "A primeira vítima, quando começa a guerra, é a verdade". O autor é o senador republicano dos EUA e ex-governador da Califórnia Hiram Johnson (1866-1945), reagindo diante do noticiário sobre a I Guerra Mundial (1914-1918), então travada na Europa.

De fato. Ao longo de 560 páginas na edição brasileira, Knightley reconstituiu com brilho a trajetória da figura do correspondente de guerra, mostra a coragem e a contribuição de muitos deles para o estabelecimento da verdade histórica, mas também expõe um feio festival de barbaridades perpetradas por muitos ao longo de um século e meio de cobertura de guerras: correspondentes que eram, na verdade, espões a serviço de governos, enviados especiais que sistematicamente inventaram notícias, jornalistas preguiçosos, fotógrafos forjadores de cenas, repórteres capazes de roubar anotações de colegas e estatísticas de combate manipuladas a ponto de fazer inveja a certos ex-ministros da Fazenda.

Diante disso, não é de surpreender que até jornais que foram ou são instituições veneradas tenham cometido carnificinas contra os fatos. Para ficar num só caso: certamente influenciado por um wishful thinking capitalista diante da Revolução Russa, o glorioso The New York Times apenas nos dois anos posteriores a novembro de 1917 noticiou 91 vezes que os bolcheviques estavam prestes a cair ou, mesmo, já tinham caído,

da Rússia, e três que já teriam fugido.

Esse levantamento, parte de um trabalho infernal que incluiu mergulhar em 2 milhões de recortes de jornais no departamento de pesquisa do The Sunday Times em Londres, não foi feito por um historiador ou outro tipo de cientista social, mas por um jornalista o que diz muito sobre o jornalismo e sua capacidade de autocritica. Isso precisaria ser levado em mínima conta quando diferentes setores da sociedade incluindo os ocupantes do poder fazem o julgamento da mídia e dos que nela trabalham. No Brasil, porém, parece haver em certos setores uma crença absurda e arraigada de que a verdade, se é a primeira vítima quando estoura uma guerra, seria um bicho incômodo que aos jornalistas, no seu dia-a-dia, apraz abater a pauladas.

### Mudança de hábitos

O grande editor-chefe da revista Time Henry Anatole Grunewald disse certa vez que, se a imprensa fosse checar a veracidade de cada fato em todos os seus ângulos, hipóteses e minúcias possíveis e imagináveis, a sociedade seria informada pelos boatos. Em parte por não corresponder a esse inatingível ideal de perfeição, a mídia acaba sendo vista com um pé atrás. No Brasil, tem de enfrentar um problema adicional: ao expor uma mazela ou uma bandalheira, quase invariavelmente corre o risco de ser considerada responsável por ela.

Isso vem ocorrendo com a imprensa nesses últimos meses, sob o governo Lula. O próprio presidente já nos puxou as orelhas pelos supostos prejuízos ao país que "especulações" sobre a reforma ministerial poderiam causar ficaríamos todos gratíssimos se ele explicasse quais. Mais recentemente, o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, em meio a críticas e ameaças veladas ao Ministério Público tão queridinho quando procuradores, em governos anteriores, vazavam informações para políticos do PT, desancou também a imprensa ao criticar a atuação de membros do MP pelas investigações feitas sobre a morte do prefeito de Santo André, Celso Daniel, com a frase agora célebre: "Há uma violação persistente e permanente de direitos constitucionais por setores do Ministério Público e da imprensa brasileira".

No caso Celso Daniel, o poder petista parece tanto mais irritar-se com as reportagens que vêm sendo publicadas quanto mais elas apontam indícios da possível ligação do assassinato com a ocultação de um vasto esquema de corrupção. Enquanto, de um lado, figuras petistas tentam afastar essa hipótese que envolveria figuras do partido como o diabo se afasta da cruz, de outro correntes do PT brandem a possibilidade de se unirem aos setores que, no Congresso, em razão de diferentes interesses contrariados, pretendem endurecer a atual legislação sobre imprensa. Trata-se da velha, velhíssima história: se existe febre, a culpa é do termômetro.

É óbvio que a mídia não está acima do bem e do mal e deve ser responsabilizada, criminalmente se for o caso, pelos erros cometidos. Mas enquanto os dirigentes das diferentes instituições do país não mudarem seus hábitos, inclusive o de falar mal da imprensa como forma de escamotear certos deveres não cumpridos, vai continuar havendo material de sobra para reportagens de interesse público. Que, goste ou não o poder de plantão, sempre encontrarão jornalistas dispostos a publicá-las. Fiscalizar o poder é nossa obrigação indeclinável.

**Ricardo A. Setti**  
JORNALISTA - COLUNISTA DO OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA E DO SITE  
NOMINIMO.COM.BR

## AULA INAUGURAL DO GECS: UM BREVE RELATO

O projeto do Grupo de Estudantes de Ciências Sociais (GECS), da Universidade Federal do Piauí deu abertura ao seu trabalho com uma aula inaugural no dia 06/11/2003, às 18h, na sala Camilo filho do CCHL. A Profª. Dra. Maria Dione Morais, do departamento de Ciências

Sociais, procedeu à fala inicial no lançamento do Projeto GECS, começando por elogiar a iniciativa do grupo, no sentido de abrir espaços para construção de possibilidades, marcando-se um momento passivo e ativo, no sentido de ampliar a possibilidade da pesquisa na graduação e a própria interação entre alunos do curso de Ciências Sociais da (UFPI), além de também pensar o processo histórico na sua trajetória de 20 anos na UFPI.

Com base nisso, ela colocou dois aspectos para que possamos entender a construção das chamadas Ciências Sociais. O primeiro diz respeito à ordem organizacional e o segundo de ordem intelectual. O primeiro aspecto diz respeito à construção da herança, sendo que há certos fatos institucionalizados cada vez mais internacionalizados num instrumento de campo epistemológico, onde o agente surge neste meio de campo sem nada.

No que ela colocou da origem das Ciências Sociais, temos, a princípio, o fato da filosofia social que passou para a física social, e depois acabou originando as Ciências Sociais, a partir das leis gerais do fenômeno explicado (nomotéticas), e de outro fenômeno particular sem se preocupar com as leis gerais (hidrográfica). Esses são os dois campos de subdivisão nas Ciências Sociais anteriormente, que se dá num processo que agente estuda pouco nas Ciências Sociais.

Na trajetória de institucionalização, posteriormente a 1945, havia muitos esforços para a pesquisa, e para a separação entre o ensino e a pesquisa. O primeiro caso é a relação de investigador com a

investigação, a sociedade e natureza, através de uma verdade científica que revela a busca de ruptura e conhecimento que nos faz produzir. O segundo caso, foi a re-introdução do fator tempo e espaço. O lugar é parte constitutiva do saber das nossas análises, e nesse sentido ela colocou que um fator muito importante para nós, que a partir do qual seria necessário entender o que significa fazer Ciências Sociais no Estado de Piauí?

No momento a seguir, foi colocada a tensão entre o singular e o plural, ou seja, entre o particular e o universal, que se trata da cultura global, e das suas várias tendências gerando novas interpretações da visão de como nos vê o mundo.

Quanto ao critério da objetividade para usar e alterar a cientificidade, foi dito que essa questão nos remete à idéia de medir, analisar, e separar a realidade que se centra na objetividade, traduzindo tudo em forma científica. De modo que a partir do questionamento que se coloca como enraizamento geral do pesquisador, não é possível representar a realidade quase fotograficamente. Isso depende das condições gerais, ou seja, o critério da objeção da própria realidade no critério da validade para que a sua pesquisa possa ser debatida na comunidade científica com certas refutações.

Por fim, foi colocado que é preciso encarar o desafio intelectual que o curso nos propôs, deduzir com determinação e verdade através do conhecimento científico, discutindo em salas de aulas, e a partir dos livros para que seja levada com mais coerência e debate ao GECS.

Grupo de Estudantes de Ciências Sociais [GECS]

## INTERATIVIDADE

### DISCOS

#### Led Zeppelin [How the west was won]

Definitivamente, este CD triplo não pode faltar em sua coleção. Com uma vendagem de 1 milhão de cópias, o repertório conta com o melhor da banda inglesa de Jimmy Page e Robert Plant, em versão ao vivo. Nesse cd o Led Zeppelin prova ser uma das melhores bandas dos anos 70, contando com performances impressionantes, o que de certa forma, confirma não estar sua qualidade musical restrita ao estúdio. Você vai poder vibrar com John Boham mostrando o que é uma batera de verdade na Moby Dick, com Jimmy Page solando igual o demon, John Paul Jones mostrando o que são belos arranjos de baixo e o grande Mr. Robert Plant cantando e interpretando as músicas com paixão. Vale a pena conferir clássico, "Stairway To Heaven", "What Is And What Should Never Be", "Bring It On Home" e "The Ocean", entre outros.



A estudante Fernanda Venturini enviou uma super teoria científica muito invocada!! Olha aí.

**Estive no Interartes, em S. Raimundo, vi todas as pinturas (até as dançantes) o que me faz pensar que os nossos antepassados não tinham nada pra fazer, ou muito pelo contrário, eram extremamente ocupados... nisso desenvolvi uma teoria: em toda sociedade há uma "máquina administrativa", e o governo daquela época era o grande monopolista das fábricas de tintas, então com o "lobby" em mãos a necessidade era vendê-las. Para isso, era preciso mascarar suas intenções a fim de não usar a máquina de forma desonesta. Pensando nisso, a idéia veio: transformá-la em uma grande empresa de funcionários onde a arte se transformaria em emprego público, então, todo mundo trabalhava no governo pintando, daí pintaram tudo: cavernas, pedras, paus, de forma que ao passar o espanador pra tirar poeira a dona de casa corre um sério risco de encontrar um desenhinho, e aqueles funcionários públicos que não pintavam (raros os casos) faziam parte da limpeza - esses não queriam nada na vida, simplesmente enterravam tudo, pratos, ferramentas, vasos quebrados escondidos, colares, ossos de animais (supõe-se de galinhas roubadas e comidas a molho pardo)...**

**Amiga, o funcionalismo público não mudou... ainda continua "pintando o sete" e "enterrando sujeira às custas do 'público'". No mais, nos encontramos em todos os lugares, acho que você estava me seguindo!!!**

Fernanda Venturini  
[ALUNA DO CURSO DE C. SOCIAIS DA UFPI]

### POESIA

#### Extratos de poesia

Que faz mais falta:  
o que está na alma  
e não se mostra  
Ou o que se mostra  
e não está?

Por que o homem material  
sente dor na alma?  
Por que a alma dói?  
"Que sejamos zumbis!"

Quando se beija a alma de alguém  
o céu desce a nós  
Mas, por que logo o inferno do  
inferno quer queimar?

Será fraco quem ama?  
Será o fraco que não ama?  
Será fraco quem não tem?  
Fraco é quem só tem, só tem.

Poder, ah! ter poder!  
Poder pra ser... podre  
Poder ser podre.  
Poder podre pobre.  
Pobre (alma) não pode (ser carne)  
Que curta seu bode(y).  
Pobres almas, não podem  
poder ser felizes.

Olá, pessoal! Para começar o ano, pensei colocar uma poesia minha. Espero que ela tenha a dignidade de se aproximar das de todos os que por aqui passaram e passarão. Espero lhes ter a atenção e a reflexão, e eu não vou explicar nada. Tentem sentir algo ao lê-la, mesmo que seja vontade de tirar o olho.

Obrigado e bom ano para nós todos. Uma pérola para nossos leitores:

Antes que venham ventos e te levem  
Do peito o amor este tão belo amor  
Que deu grandeza e graça à tua vida  
Faze dele, agora, enquanto é tempo,  
Uma cidade eterna e nela habita

Thiago de Melo [Canto de Amor Armado 1974 Lisboa]

Pedro Alves Lira Filho  
[EDITOR LITERÁRIO DO INTERAÇÃO]